

## **Significação ambiental, política e social do Projeto Tamar na Barra da Lagoa em Florianópolis**

Cristiani Scheffer Maciel\*

Márcia Inês Schaefer\*

Luciana Landgraf Castelo Branco\*

Talita Guímel Antunes Machado\*

**RESUMO:** Este artigo é uma versão modificada do trabalho de PPCC (Prática Pedagógica do Componente curricular), com o mesmo título. Considerando a constante presença do tema ambiental nos meios de comunicação, questiona-se aqui as suas premissas, tanto em relação ao conceito de preservação quanto ao de desenvolvimento. O projeto Tamar da Barra da Lagoa reflete esse problema em suas relações com a comunidade local e com os turistas. Para entendê-la, busca-se investigar os aspectos políticos e econômicos e as propostas sociais do projeto, comparando-os ao que é encontrado nas visitas ao Tamar e ao redor dele, conversando com coordenadores, trabalhadores do projeto e da praia, visitantes, moradores e pescadores. Ao final, notou-se que o projeto não tem suficiente autonomia para trazer maiores benefícios à comunidade, ainda que haja ideias de melhoria por parte de todos os envolvidos.

**Palavras-chave:** Projeto Tamar; Comunidade; Barra da Lagoa; Valores tradicionais; Valores modernos.

### **1. Introdução**

Este artigo tem como objetivo entender algumas consequências da crise ambiental e suas relações com os saberes tradicionais e modernos. Para encontrar bases empíricas para esse entendimento, escolhemos como campo de pesquisa o Projeto Tamar da Barra da Lagoa, em Florianópolis.

Com este fim, foram feitos levantamentos de dados sobre o Projeto Tamar (referentes ao histórico, condições políticas, intenções e parcerias do projeto). A partir disso, buscou-se entender as portarias

---

\* Acadêmicas do Curso de Graduação em Ciências Sociais - UFSC. Respective e-mails: christianimaciel@hotmail.com; marciainesschaefer@gmail.com; lu.landgraf@gmail.com; talita.gaax@gmail.com.

que são citadas no site do Tamar e que possuem vínculos institucionais com o projeto (Ministério do Meio Ambiente, ICM-Bio). Concomitantemente, foram feitas visitas à Barra da Lagoa, onde está situado o Centro de Visitantes do Projeto Tamar da região Sul do Brasil.

Apresenta-se a seguir o resultado de alguns meses de pesquisa, e destaca-se que além das questões privilegiadas aqui, muitas outras surgiram e geraram debates entre os membros do grupo, mas que em consequência da restrição do tempo e do recorte teórico necessário, não foi possível aprofundar nesse momento.

## **2. Colocação do problema**

Os meios de comunicação de massa buscam mobilizar e impressionar a sociedade a respeito da urgência da preservação ambiental. A combinação da mídia com a crença cega na Ciência gera uma crise de percepção social, que aterroriza e preocupa. Não é frequente, porém, que se lembre de que a crise atual é fruto de um modelo civilizatório moderno que trouxe degradação como fruto do desenvolvimento tecnológico inconsequente e da economização do mundo.

Para Figueiró (2011), vivemos num momento de tripla crise: ambiental, social e do saber, pois o conhecimento é fragmentado e tem a função de acelerar o produtivismo, ocultando a complexidade e ignorando os saberes tradicionais. Nesse aspecto, o conhecimento, o poder e o modo de produção são elementos que têm potencial transformador desta realidade de degradação. Há, portanto, uma disputa não só física e territorial, mas também de apropriação conceitual e cultural do seu significado, do quanto vale e de como pode ser explorada ou preservada.

O desafio que se encontra é, por um lado, que esse novo saber seja construído através dos saberes culturais ignorados e da crítica da racionalidade formal, e, por outro, que encontre um equilíbrio entre produtividade e a preservação necessária. Os novos modelos que vêm sendo construídos e o esvaziamento do sentido de sustentabilidade se dá no sentido de continuar a produção que incentiva o acúmulo, a exploração do trabalho e dos recursos e não questiona a desigualdade. Crucificam o passado sem fazer dele uma reflexão profunda, propõem alterações superficiais.

Segundo Krischke (2000), os setores que defendem o meio ambiente estão em constante desacordo interno sobre política e

economia, porém convergem numa crítica ao individualismo materialista e buscam convencer a comunidade em questão de uma visão universalista e coletivista, baseada na cooperação e solidariedade e na ampliação destas ideias para outras gerações e para com a natureza. Diegues (2008) complementa dizendo que a tomada de consciência sobre a questão ambiental se manifesta de várias formas, por exemplo, através de mudanças no comportamento, mudanças de paradigmas ou surgimento de movimentos sociais, que normalmente têm propostas locais para um alcance mais global.

Em nossas entrevistas, constatou-se tanto na fala das pessoas da comunidade como dos turistas entrevistados a reflexão empírica das ideias desses autores: todos são a favor do projeto, mas não vão além de afirmar que o são porque são a favor da preservação ambiental. Conforme Paula Brügger,

todo mundo hoje é a favor da interdisciplinaridade, da educação ambiental e do desenvolvimento sustentável. Mas que valores estão implicados nesses novos termos ninguém discute. Se de fato queremos construir um mundo mais justo, um olhar muito crítico sobre essas questões é imprescindível (BRÜGGER *apud* KRISCHKE, 2000. p. 58).

A intenção deste trabalho é levar em consideração essas questões, encontrando no Projeto Tamar e na comunidade da Barra da Lagoa em Florianópolis os problemas e soluções que se dão à proposta de preservação ambiental, considerando a interação entre eles e a construção de seus respectivos pontos de vista a respeito da questão ambiental.

A preocupação com a preservação ambiental e com a sustentabilidade é relativamente recente, pois apenas a partir da segunda metade do século XX as pessoas passaram a refletir mais seriamente sobre a importância de tomar alguma medida para que não se chegasse ao ponto em que não mais haveria recursos naturais para usufruir. O destaque por parte dos meios de comunicação nas questões ambientais auxiliou na propagação da preocupação ambiental. Conforme Martin Lutes, no caso brasileiro, desde seus primórdios o movimento ambientalista brasileiro adotou “um caráter mais coletivo e politizado, que está muito mais relacionado à esquerda do espectro político, ao combate à pobreza e à exclusão econômica” (LUTES *apud* KRISCHKE, 2000. p. 48).

De acordo com Diegues (2008), a determinação de quais áreas são definidas como de preservação, fica na total e única

responsabilidade dos cientistas naturais, mas para se definir as áreas naturais protegidas acontece uma pesquisa científica e é acrescentado o denominado etnoconhecimento dos nativos, este sempre visto pelo primeiro como incompleto. Para Diegues, a proposta deveria ser uma junção das contribuições dos biólogos, engenheiros florestais, sociólogos, antropólogos e cientistas políticos, e também da população local, para que assim os espaços possam ter significados para todos os participantes.

Numa tentativa de pensar a relação do Projeto Tamar com esses movimentos ambientalistas, nota-se que em seus primórdios, ele foi ação de um grupo de estudantes de biologia e oceanografia que começaram em 1970, a pesquisar sobre as tartarugas marinhas no Brasil. Neste estudo realizado pelo estudantes da faculdade de Oceanografia da Universidade Federal de Rio grande, foram identificados quais os locais e as comunidades em que havia maior ocorrência de tartarugas marinhas e quais espécies passavam pelo litoral brasileiro. A pesquisa levou cerca de dois anos, e foi feita do litoral do Rio de Janeiro ao Pará. Foram encontradas cinco espécies no Brasil: tartaruga Cabeçuda, de Pente, Verde, Oliva e de Couro. A partir dessa pesquisa foi possível determinar as áreas de alimentação e/ou desova e como a comunidade reagia e interferia nesses novos arranjos ambientais. Esses estudantes estavam preocupados com as tartarugas marinhas no Brasil, pois já era notável a sua caminhada para a extinção. E como até aquele momento não havia estudos específicos sobre elas, essa pesquisa foi significativa porque a partir dela foi feito um relatório pelos os estudantes de oceanografia que alertava aos perigos da pesca e consumo das tartarugas marinhas (site Tamar). Levado a Brasília, de onde foram adotadas as medidas para a criação do Projeto Tamar.

### **3. Breve histórico do Projeto Tamar**

A partir do relatório da pesquisa realizada pelos os estudantes de biologia e de oceanografia, foi constatado que seria necessário a formação de uma instituição para continuar o trabalho sobre as tartarugas marinhas, iniciando assim o projeto Tamar em 1980. Inicialmente, as tartarugas marcadas para diversos estudos em 1980, ficaram sob responsabilidade do IBDF (Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal), que depois virou o IBAMA (Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis), com a mesma função.

Em 1980 foi criada também a fundação Pró-Tamar que co-administra o projeto. O projeto Tamar é co-administrado por dois órgãos: o ICMBio (Instituto Chico Mendes da Biodiversidade) e a Fundação Pró-Tamar. Segundo Suassuna (2001) o Tamar é uma iniciativa do governo federal por isso era mantida, gerenciada e administrada pelo órgão federal mesmo tendo um fundador: Guy Marcovaldi. Com a criação da Fundação Pró-Tamar foi possível ter mais autonomia, para, por exemplo, tratar com mais eficiência dos assuntos relacionados às bases do Tamar. Mesmo existindo uma secretaria para répteis foi necessário ter uma subsecretaria para cuidar de todos os assuntos relacionados às tartarugas marinhas, como ocorre com outras espécies ameaçadas de extinção.

O instituto Tamar foi criado dentro da secretaria, para que houvesse maior eficácia na execução de ações da política de conservação. Tendo autonomia administrativa e financeira, é considerado pessoa jurídica de direito público, o que significa ter mais condições de agir tendo uma maior execução das atividades realizadas pelo Tamar.

A Fundação Pró-Tamar, criada em 1988 é uma instituição privada sem fins lucrativos considerada de Utilidade Pública Federal desde 1996. Foi criada para fins de interesse público, neste caso: educação ambiental, cultura e pesquisa científica. É uma autarquia, é por isso tem controle sob o patrimônio, mas ainda é tutelado pelo Estado. Além de executar atividades típicas da administração pública, a fundação tem como função a conservação ambiental, propondo, implantando, gerindo, protegendo, fiscalizando e monitorando Unidades de Conservação da União. Ainda fomenta e executa programas de pesquisa e preservação da biodiversidade do Tamar, exercendo também o papel de polícia ambiental, mesmo que seja prioridade do IBAMA a fiscalização, o monitoramento e controle.

Além do Pró-Tamar, o projeto Tamar é co-administrado pelo ICMBio. também uma autarquia, criada em 2007 vinculada ao Ministério do Meio Ambiente, que integra o Sistema Nacional do Meio Ambiente (Sisnama). Hoje o Tamar é mantido por um tripé: o Governo federal (Ministério do Meio Ambiente/ICMBio), a Petrobrás e o programa de auto-sustentação, que são outros meios para adquirir recursos financeiros como a venda de produtos com a marca Tamar, que é proveniente da sede do Tamar (Praia do Forte/BA), o ecoturismo, os Centros de Visitantes e as lojas dentro das bases Tamar, de acordo com o Gustavo David Stahelin(Coordenador Técnico do Tamar/Barra da Lagoa), é muito importante que aconteça



o apoio do governo, mas ainda assim o Tamar possui autonomia para ter outras formas de recursos.

O Tamar tem o patrocínio da Petrobrás, e percebe-se nas falas dos trabalhadores do projeto na Barra da Lagoa, como o Alexandre Matias Rocha (monitor do Tamar/Barra da Lagoa), a importância da presença de uma Fundação na administração do projeto, pois isso incentiva o patrocínio de outras instituições públicas e/ou privadas que auxiliam no contato com a comunidade já que antigamente se tinha nas camisetas o logotipo da IBAMA, o que deixava os pescadores receosos.

Como foi dito, as fundações públicas possuem autonomia administrativa, patrimônio próprio e o funcionamento custeado, principalmente, por recursos do poder público, ainda que sob a forma de prestação de serviços. E por isso, as Fundações são fiscalizadas pelo Ministério Público do Estado, Território ou Distrito Federal, dependendo de onde estão situadas. O que contribui para a veracidade do trabalho realizado nas bases do projeto Tamar. Existe ainda a captação de recursos junto à iniciativa privada e agências financiadoras, através de apoios e patrocínios nacionais e regionais, as bases são autônomas para conseguir o patrocínio, mas existem patrocínios nacionais, ou seja, todas as bases possuem o mesmo patrocínio, além dos regionais ou/e estaduais.

Atualmente são 23 bases ao longo da costa brasileira, o que equivale a cerca de 1.100 quilômetros de praias protegidas. Em todo o Brasil são 1.300 pessoas relacionadas ao Tamar. As três primeiras bases foram criadas quase ao mesmo tempo, são elas: Regência/ES; Praia do Forte/BA (sede) e Pirambu/SE, que são hoje as principais por terem grande concentração das cinco espécies de tartarugas marinhas e por serem lugares de alimentação e desova.

#### **4. Breve histórico do Projeto Tamar na Barra da Lagoa – Florianópolis/SC**

O projeto Tamar na Barra na lagoa - Florianópolis/SC foi criado em 2005 com o objetivo de trabalhar com a questão pesqueira. Inicialmente Florianópolis foi escolhida de acordo com o site do projeto Tamar, por estar entre Rio Grande do Sul e Paraná, já que o sul não possuía nenhuma base. O Tamar foi instalado na Barra da Lagoa por vários motivos: primeiro porque aí há uma comunidade pesqueira grande e bem definida, além de ser uma área de alimentação das tartarugas marinhas, e, portanto o contato da comunidade e dos

pescadores com as tartarugas são constantes. Segundo, por ser uma área turística. Diminuir a mortalidade de tartarugas e entender como funcionam as artes de pesca são um dos objetivos da base na Barra, e, assim propor medidas para uma melhor relação entre a pesca e tartaruga marinha. Por ser uma área de alimentação, a captura das tartarugas marinhas é constante.

No início o Tamar na Barra da Lagoa ocupava uma casinha próxima ao espaço atual, e possuíam apenas dois tanques pequenos. Com o passar do tempo foi necessário um espaço maior, e durante nossa pesquisa de campo apareceu uma informação importante: durante a entrevista com o coordenador técnico, Gustavo Stahelin do Tamar/Barra da Lagoa relatou que o espaço físico ocupado pelo Tamar é alugado anualmente, pois o terreno pertence à ELASE (Associação dos Empregados da Eletrosul) e é uma área de PP (preservação permanente). A questão da área não ser cedida já foi questionada pelo Tamar/Barra da Lagoa, e também cogitam ter contratos de aluguel de pelo menos cinco anos, para que o Tamar não tenha que se preocupar todos os anos com a renovação do contrato

Hoje o Tamar/Barra da Lagoa conta com vinte funcionários, entre técnicos, gestores, biólogos, monitores, tratadores, vendedoras e recepcionistas. Só um deles é concursado, os outros são todos ligados ao Pró-tamar. Pretende-se que todos os funcionários estejam cientes de todas as tarefas da base, da limpeza até ao contato com o público.

Há também várias formas de divulgação, como outdoors, placas nos postos da Petrobrás, encartes nos lugares onde turistas passam ao chegarem à cidade de Florianópolis e também algumas reportagens na TV e jornais que divulgam, especialmente na temporada, as solturas de tartarugas marinhas ou capturas. Outro fator que contribui para a divulgação do Tamar é que a base é um museu a céu aberto, pois, conforme depoimentos dos trabalhadores torna-se assim um maior atrativo. Isso também significa vínculos com o Ministério da Cultura, o que lhe dá maior possibilidade de expansão.

## **5. Intenções do Projeto Tamar**

### **5.1 Em relação ao meio-ambiente**

A intenção do Projeto Tamar está voltada à preservação e conservação das tartarugas marinhas, e isso engloba consequentemente questões muito amplas e complexas, tais como a preocupação com o lixo jogado no mar. Foi constatado em campo que as pessoas ligadas ao Projeto Tamar não gostariam de manter as

tartarugas em cativeiro, mas que isso algumas vezes se torna necessário devido à pesca incidental, ingestão de lixo, pesquisa etc. Por outro lado também é uma maneira de chamar a atenção das pessoas a visitarem o projeto e se inteirarem sobre o assunto, percebendo a importância tanto dele como da preservação ambiental nos mais diversos aspectos. Especialmente com as crianças, que além de se divertirem, como os monitores contam, acabam se preocupando com as tartarugas marinhas e modificando sua percepção e preocupação com o lixo. Consequentemente levam o que aprendem para os pais e outros colegas, o que pode contribuir para que as praias fiquem mais limpas. Existem projetos de conscientização para as populações que moram nas proximidades de qualquer base do Tamar.

Também ocorrem constantes estudos que visam agregar maiores conhecimentos acerca do ambiente marinho, do comportamento das tartarugas, e melhorar cada vez mais a interação entre os homens e os animais. A educação ambiental é um ponto forte do Tamar, e como destacado nas entrevistas realizadas, é onde se gasta muita energia. Conforme Camila Trentin, gestora do Centro de Visitantes da Barra da Lagoa, “é na conscientização das crianças que o trabalho tem de ser mais intenso, pois é muito mais fácil você transmitir algo para as crianças do que para um adulto”.

Ainda de acordo com ela, o Tamar recebe diariamente a visita de escolas, que recebem uma visita monitorada, com duração de aproximadamente uma hora, em que é passado um vídeo educativo e faz-se o passeio por toda a estrutura da base do Tamar em que se encontram tartarugas para visualização, cartazes explicativos com caráter de conscientização e também o Museu Aberto. Em relação às escolas o que chamou atenção foi que todos os dias disponíveis para as visitas de escolas para o ano de 2011 estavam agendados, e escolas que não conseguiram marcar um horário teriam que esperar até o próximo ano.

## **5.2 Em relação a recursos**

Todas as bases do Tamar são mantidas pelo já mencionado tripé (Governo Federal, Petrobrás e instituições privadas). Sobre o patrocínio de instituições privadas, cada base tem autonomia para estabelecê-lo. Existe apoio de diversas instituições privadas, pois muitas delas têm departamentos direcionados às questões ambientais.

No caso do Projeto Tamar na Barra da Lagoa há um apoio à parte: a Arcor. Em parceria, são produzidos os chocolates

“Tortuguita”, e as camisetas dos funcionários do projeto levam o logotipo da Arcor. Além dos apoios, o Tamar conta sua própria bilheteria, vendas dos produtos da loja e doações. Os recursos financeiros são utilizados para pesquisa, divulgação e também destinados à educação ambiental, como a produção de revistas direcionadas a diversas faixas etárias para serem trabalhadas nas escolas. São também usados para manter o barco que o Tamar possui com o fim de ter um contato maior com os pescadores. O pagamento do aluguel é outra forma da utilização dos recursos. Outra coisa que chamou a atenção foi que através do monitor Matias, soube-se que a água utilizada nos tanques das tartarugas é proveniente de um laboratório de Aquicultura da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) localizado no Beco dos Coroas. Já que o Tamar não possui meios para captar água, a UFSC presta-lhe este serviço e recebe pagamento, além da troca de materiais para pesquisas de estudantes de Veterinária e Biologia, que também podem fazer lá seu estágio.

### **5.3 Em relação à comunidade**

Constatou-se que a escolha da instalação do Projeto Tamar na Barra da Lagoa em Florianópolis foi estratégica. Como a região sul é área de alimentação das tartarugas marinhas, a alternativa encontrada foi à categoria de Centro de Visitantes, e a Barra da Lagoa foi escolhida por ser uma área turística e de referência no setor pesqueiro, registrando também muita pesca incidental de tartarugas.

Obedecendo ao padrão nacional, são tomadas diversas medidas para que a comunidade tenha uma maior interação com o projeto Tamar, como por exemplo, o fato de que nenhum morador da Barra da Lagoa precise pagar para visitá-lo. Mas como foi notado em campo com a entrevista da Camila Trentin (Gestora do Centro de Visitantes), que falta a divulgação desse detalhe, pois muitas vezes as pessoas da própria comunidade não visitam porque não sabem da gratuidade. Mas também acontece o contrário: há pessoas da comunidade que visitam frequentemente o centro, e, além disso, alguns moradores têm a vontade de trabalhar no Tamar, algumas vezes como voluntários.

No que se refere aos pescadores, há uma preocupação maior para que seja estabelecido e mantido o contato. De acordo com as pessoas que trabalham no Tamar, é essencial que ocorra troca de informações entre eles, e isso significa que a arte de pesca é um tema de estudos dos funcionários do Tamar.

A questão do desenvolvimento local está colocada como parte da ideia do projeto. Em um primeiro momento, pensava-se que a autonomia estabelecida entre as bases era incorporada ao projeto em todas as tarefas realizadas com a comunidade. Porém, o que de fato acontece é uma autonomia financeira, já que quando se trata de tarefas referentes à comunidade, ocorre uma padronização. O que ilustra esse fato, primeiramente, é que a loja não pode comercializar produtos feitos pelas rendeiras da Barra da Lagoa, pois quando a ideia foi levada a sede baiana, a mesma respondeu que poderia haver concorrência com os produtos vindos daquela região. Lá a produção é uma forma de dar uma oportunidade de trabalho e gerar renda para evitar a comercialização das tartarugas marinhas, mas isso não é aplicado na Barra da Lagoa. Sendo um projeto sem fins lucrativos, porque está preocupado em gerar concorrência com as comunidades da Bahia, deixando de lado a preocupação com as artesãs da Barra da Lagoa?

Em campo, notou-se a postura firme dos interlocutores do discurso oficial na afirmação de que um dos motivos de o Tamar ainda não possuir nenhum projeto de âmbito social na comunidade da Barra da Lagoa, está relacionado ao fato de ser ainda bastante recente aqui, e que o processo para pensar num projeto que atenda às necessidades do local, sua posterior implantação e afins, é algo demorado. Mesmo assim, a equipe já tem algumas propostas para fazer algo voltado ao desenvolvimento e integração da comunidade com o Tamar.

#### **5.4 Em relação à produção artística**

No ano de 2011 o Projeto Tamar completou 30 anos, e por isso parcerias com várias produções artísticas surgiram. O carro-chefe foi o CD *30 anos de Histórias para Cantar* que tem a participação de artistas como Lenine, Margareth Menezes, Wagner Tiso, Armandinho e Luiz Caldas. Na Barra da Lagoa, já há a iniciativa de criação de um CD, que é uma parceria de Luiz Carlos (receptionista, cuida do estacionamento e aplica a pesquisa mercadológica) com o projeto, e já houve gravações das músicas. Elas estão em fase de acabamento e o público alvo são as crianças. São ideias vindas dos funcionários mesmos, que poderiam contribuir para uma relação mais estreita e produtiva entre o Tamar e a comunidade da Barra da Lagoa. Mas a questão de não ter a autonomia suficiente também se reflete aí: Luís Carlos quer produzir, porém tem que entrar em contato com a base, de forma burocrática, para poder fazê-lo. Só com a autorização e

liberação de recursos da sede será possível colocar todas as ideias em prática, o que já demora a acontecer.

Sobre a utilização do palco para promover o projeto, Camila (gestora) explica que além de divulgar o projeto Tamar, há uma preocupação com a educação ambiental, já que algumas apresentações tem esse foco: músicas que tratam de questões ambientais e principalmente de tartarugas marinhas. Está sendo formada uma banda no sul do Brasil, com Chico Martins do Dazaranha, Cássio Moura e Camélia Martins que são músicos conhecidos na região sul do Brasil e no cenário alternativo, e assim poderiam atingir um público muito maior, para cantar músicas relacionadas ao projeto Tamar na Barra da Lagoa.

## **6. A comunidade e o Tamar**

### **6.1 Turistas**

Depois do patrocínio, os turistas são a maior contribuição financeira para o projeto Tamar, pois a localização do projeto na Barra da Lagoa é bem próxima à praia. O coordenador técnico, Gustavo Stahelin mencionou a importância da divulgação. Durante o período de investigação no centro de visitantes, nos deparamos com diferentes dias de movimento de visitantes.

As condições climáticas e as datas festivas podem ter interferência na visitação. Dependendo do dia e da movimentação, as atividades eram variadas: na programação podia haver vídeos, alimentação das tartarugas, visita monitorada ou soltura de tartaruga.

Durante a soltura que acompanhamos foi possível notar as diversas reações do público presente. Desde o encantamento das crianças até as afirmações dos adultos, como do entrevistado, seu Valdemar (morador de Florianópolis, que mostrava a cidade ao seu filho e nora que moram em São Paulo) que comentou que tal evento não poderia ser algo feito pelo Estado: “Eu gostei muito! Isso tu vê que não é político, porque tá muito bonito pra ser político”.

A fala remete a questão de como o Tamar é visto pela população: mesmo sendo uma instituição cuidada pelo governo federal, não há uma associação com este na consciência da maioria das pessoas que foram entrevistadas na praia da Barra da Lagoa no dia da soltura, como Dona Maria (vendedora ambulante e moradora da Barra da Lagoa), Seu Dedé (pescador e morador da Barra da Lagoa), Elielson (morador recente da Barra da Lagoa) e Seu Edevaldo

(pescador e morador da Barra da Lagoa). Provavelmente o Tamar é concebido pela maioria da população como uma instituição privada.

## **6. 2 Comunidade da Barra da Lagoa dentro do projeto**

Conforme informações do site do Tamar e também dos funcionários do Centro de Visitantes da Barra da Lagoa, é parte de sua política priorizar aqueles moradores naturais das comunidades onde têm suas bases como forma de gerar desenvolvimento local. Mas algo que é observado na Barra da Lagoa, é que em virtude do grande número de moradores originários de outras regiões do Brasil, especialmente Rio Grande do Sul e São Paulo, eles acabam por empregar também essas pessoas. Porém, conforme Camila Trentin, aproximadamente 90% da população jovem, entre 20 e 30 anos, que mora na Barra da Lagoa, já trabalhou no Tamar. Ela destacou que ali há uma frequente rotatividade de funcionários. O que há mais tempo está é Luciano, que trabalha ali há quatro anos e que é uma peça fundamental para realizar a ponte entre pescadores e Tamar, pois ele é “manezinho da Ilha” e seu pai é um pescador com certo destaque na localidade, o que facilita a interação entre o Tamar e os pescadores.

O que é importante frisar é que o sujeito não tem que ser nativo para sentir-se parte da comunidade. O que causa o sentimento de pertencimento é a relação que mantém com os outros, não sua origem geográfica. Assim, nota-se que os sujeitos se produzem de diferentes maneiras a partir de sua experiência na comunidade da Barra da Lagoa (sendo ou não nativo) e no contato com o Tamar, já que é um espaço para a comunidade participar e como já foi dito anteriormente muitos jovens já passaram pelo o projeto, e através das experiências constroem e transformam suas identidades. Como observado, todos os funcionários aparentam gostar muito do trabalho que fazem, e são cientes e comprometidos com o que propõe o Tamar.

Existem também os funcionários que vem pela necessidade de cumprir serviços comunitários, que são em sua maioria pessoas que cometeram pequenos delitos (roubos, comercialização de drogas) ou que cometeram crimes ambientais. Assim acontece na sede do Tamar (na Bahia), e lá o programa é denominado Pena Feliz. Na Barra da Lagoa já houve alguns funcionários com esses precedentes. Um caso que chamou atenção, mencionado por Camila Trentin foi que o primeiro funcionário desse programa foi o pescador que matou um tubarão fêmea grávida e foi trabalhar no Tamar, e hoje é um dos colaboradores. Inicialmente, o programa ia seguir os passos da sede,

sendo assim, só teriam pessoas prestando serviços comunitários provenientes de crimes ambientais. Mas como na Barra da Lagoa esses crimes são poucos, e os crimes de roubo, comercialização de drogas são número mais representativo, o programa se estendeu para essas pessoas. A principal tarefa é de manutenção. É a base que decide, após contato da central de penas alternativas, quem poderá cumprir a pena no Tamar.

### 6.3 Pescadores

A fala dos pescadores pode ser associada a alguns postulados de Inglehart (2009) em sua “teoria revisitada da modernização”. Para Inglehart (2009), o desenvolvimento humano é promovido pela modernização, pela mudança de valores e pela democratização, tendo, portanto, dimensões socioeconômicas, culturais e institucionais. Em virtude do que foi dito pelos interlocutores, dar-se-á destaque às duas primeiras.

Como supõe Inglehart (2009), o processo de modernização provoca uma relação tensa entre valores tradicionais e valores seculares-rationais. Pode-se perceber que no caso estudado, esses valores seculares-rationais, científicos ou simplesmente modernos são representados pelo Tamar, e os valores tradicionais, pelos pescadores.

O Tamar chegou à Barra da Lagoa em 2005, e procurou entrar em contato com os pescadores, participando das reuniões da associação de moradores, divulgando seu projeto e palestrando sobre educação ambiental. Inglehart (2009) diz que normalmente, a seta flui da cultura para as instituições. O projeto Tamar parece encaixar-se, pois foi uma ideia desenvolvida por valores modernos, como a valorização de pesquisas científicas e a sensibilidade aos riscos ambientais, para logo transformar-se numa instituição, ou pelo menos numa parceria entre uma Instituição e uma Fundação. Os pescadores relatam que quando o Tamar chegou, havia um sentimento de medo generalizado em relação ao projeto, que era visto como uma forma de fiscalização associada ao IBAMA.

Mas também afirmam que com o tempo, eles foram entendendo que o projeto tinha intenções benéficas e que é mesmo preciso preservar o meio-ambiente. Quando perguntados, um dos pescadores afirmou ter mesmo comido tartaruga algumas vezes, e declarou gostar muito. Outro deles, contou, inclusive, que comia também também gaivotas, e alguns outros pássaros. Agora não fazem mais isso, porque “entenderam que não pode”. Sr. Edevaldo (pescador

local) quando perguntado sobre o porquê de ter que parar de comer tartaruga, afirmou que acredita que foi porque elas estavam acabando.

É questionável se os pescadores do sul do Brasil fizessem mesmo parte dos culpados entre os “exterminadores de tartaruga”, pois funcionários do Tamar nos contaram que em certas regiões do Nordeste, como em Pirambu, havia-se tornado hábito comê-las e que os ovos de galinha foram substituídos pelos seus. Mas no sul, pelo menos entre os entrevistados, elas eram comidas somente como prato exótico, às vezes, e já que não há desova, também não podiam comer seus ovos. A lei e o projeto, porém, são postos a nível nacional, e todos têm que respeitá-los. Aqui nos deparamos com a fala do Sr. Edevaldo, refere-se ao turismo, durante a piracema os pescadores tinham como renda os alugueis das quitinetes na Barra da Lagoa para os turistas, mas com a expansão do mercado imobiliário ocorreu uma diminuição dos alugueis. Como já foi dito os turistas para o projeto Tamar é uma fonte de renda, e um pequeno público de conscientização ambiental e de divulgação do projeto Tamar, o que pode caracterizar uma invisibilidade do turismo, tema não explorado deste artigo, mas que poderá futuramente ser estudado.

Há uma clara transformação de valores, e também, como concorda Inglehart (2009), os tradicionais e os modernos convivem e interagem, as mudanças não são rápidas nem radicais. Apesar da globalização, não há homogeneização e as tradições culturais não estão desaparecendo. Isso pode ser exemplificado com as técnicas de pesca: as técnicas utilizadas são praticamente as mesmas, pois, como nos dizem os pescadores, as aprenderam com seus pais que aprenderam com seus avós. Mas hoje, utilizam alguns instrumentos que facilitam, como por exemplo, o rádio. Alguém que fica numa parte mais alta da praia avista o cardume e transmite ao barco, por rádio, informações sobre onde ele está e como os pescadores têm que fazer para capturá-lo. Outro exemplo é a adoção dos novos anzóis incentivados pelo Tamar, que têm menores índices de captura de tartaruga, mas é difícil de ser encontrado. Ainda assim tem boa aceitação já que não altera o rendimento da pesca.

Outro aspecto importante que aparece na fala dos pescadores, e que Inglehart (2009) também aborda, é a mudança intergeracional. Para Inglehart (2009), os mais jovens atribuem ênfase aos valores seculares racionais, enquanto os idosos têm dificuldade de abandonar seus hábitos, profundamente enraizados. Nas falas dos pescadores, percebe-se certa nostalgia em relação a um passado em que a escola não era assim tão importante. Um entrevistado disse ter estudado até a

quarta série, e conta que na comunidade da Barra não havia Ensino Médio, nem nas redondezas. Eles aprendiam o ofício com seus pais, e o mesmo já não acontece hoje, pois os filhos estão tomando outros caminhos. Um dos filhos de seu Edevaldo é motorista de lancha e o outro é bombeiro. De qualquer modo, ele diz que cada vez menos os filhos seguem a profissão do pai e que se torna cada vez mais importante estudar.

## **7. Considerações finais**

Para finalizar, uma associação com um exemplo de Inglehart (2009). Ele diz que Mc Donald's idênticos em todo o mundo tem significados e papéis sociais diferentes, em zonas culturais diferentes. O Tamar é facilmente análogo a essa comparação: dada sua estrutura, resta saber como ele é significado, e qual seu papel nas comunidades em cada local que há uma base. No caso da Barra da Lagoa, talvez por ser um projeto novo, as relações com a comunidade ainda são frágeis e pouco desenvolvidas. Os artesanatos, como rendas, vendidos na loja, vêm da sede baiana.

Os projetos de desenvolvimento social parecem ter mais sucesso nos outros lugares, pelo menos no que diz respeito à geração de renda e à geração de serviços. Tudo o que é vendido na loja vem de fora.

Na Barra da Lagoa ainda não há uma cooperativa de pescadores de acordo com o Sr Edevaldo, e eles sofrem com o monopólio dos barcos, com a época de Piracema (época de desova dos peixes em que é proibido capturá-los), com as redes de hotéis internacionais que chegam e lhes roubam os turistas que alugavam suas quitinetes. Mas, de acordo com Godio (2005), ocorre uma mútua ajuda dos pescadores na Barra da Lagoa, mesmo tendo as disputas do território no mar.

O funcionário do Tamar, o Luiz Carlos (recepcionista, quem cuida do estacionamento e aplica a pesquisa mercadológica), interessado em trabalhar com as crianças da comunidade tem produções artísticas próprias sobre as tartarugas-marinhas e o projeto Tamar, mas essas não são levadas à diante porque dependem da aprovação tanto de conteúdo como de apoio financeiro da sede do Tamar (Praia do Forte/BA). Fica a ideia de que o caminho para interação com as comunidades está só começando, e que talvez uma maior autonomia das bases fosse benéfica para essa comunidade, em específico na realizações de projetos locais, não só para obtenção de

renda, mas como uma forma de aproximar a comunidade do projeto Tamar como acontece nas outras bases, como na Bahia (sede). Segundo os funcionários da base Barra da Lagoa, assim seria possível a valorização da identidade local, contribuindo não só para a preservação ambiental, mas também com a formação da identidade local.

### Referências

COELHO, Bruno Berger. **Análise espacial dos conflitos de uso dos espaços da orla e a conservação de tartarugas marinhas no litoral do município de Serra– ES.** Monografia apresentada ao Programa de Graduação em Oceanografia, Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, 2005.

DIEGUES, Antonio Carlos. **O papel das Ciências Sociais na análise das questões ambientais e a globalização.** São Paulo, 2008. Disponível em: <http://www.usp.br/nupaub/global2.pdf>. Acesso em 14 nov. 2011.

FIGUEIRÓ, Adriano. **A educação ambiental em tempos de globalização da natureza.** In: Revista Brasileira de Educação Ambiental, Rio Grande, 6: 41-47, 2011. GODIO, Matías. **Quinhentos Quilos! Ensaio etnográfico sobre uma sócio-montagem audiovisual com um grupo de trabalhadores da pesca na comunidade da Barra da Lagoa, Florianópolis.** Dissertação de mestrado no PPGAS – UFSC. 2005

INGLEHART, Ronald; WELZEL, Christian. **Modernização, mudança cultural e democracia.** 2009. ed. São Paulo: Fancis, 2009.

KRISCHKE, Paulo J. (org). **Ecologia, Juventude e Cultura Política: a cultura da juventude, a democratização e a ecologia nos países do Cone Sul.** Florianópolis, Ed. da UFSC, 2000. (Introdução e capítulo I).

SUASSUNA, Dulce Maria Filgueira A. **“Uma pergunta que se faz ao recém-chegado: Quem és? O Projeto Tamar e a intervenção em comunidades de pescadores”.** Brasília, 2001. Tese de Doutorado

apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade de Brasília, maio de 2001.

Site Projeto Tamar: [www.projetotamar.org.br](http://www.projetotamar.org.br) (Último acesso em 27 de maio de 2012).

Site do ICM-Bio: [www.icmbio.gov.br](http://www.icmbio.gov.br) (Último acesso em 23 de dezembro de 2011).

### **Entrevistas**

**Gustavo David Stahelin** - Coordenador Técnico do Tamar/ Barra da Lagoa (No dia 14 de outubro de 2011).

**Alexandre Matias Rocha** - Monitor do Tamar/Barra da Lagoa (No dia 14 de outubro de 2011).

**Camila Trentin** – Gestora do Tamar Barra da Lagoa (No dia 02 de novembro de 2011).

**Valdemar** - Morador do bairro Ingleses do Rio Vermelho/Florianópolis (No dia 06 de novembro de 2011).

**Luiz Carlos** - Recepcionista, quem cuida do estacionamento e aplica a pesquisa mercadológica (Última entrevista no dia 23 de novembro de 2011).